

**CUJO**

**C O R  
P O**



**NOTAS SOBRE UMA EXPERIÊNCIA PERFORMATIVA**



Por

CHRISTINA FORNACIARI\*

## Resumo

Neste texto, pretende-se apresentar uma breve crítica da proposta de intervenção performativa intitulada “Cujo Corpo”, de autoria desta que vos escreve, a qual foi realizada no âmbito da exposição “De corpo Presente”, na Galeria Sesiminas, em Belo/Horizonte/MG.

Do pessoal ao universal, do estético ao político, o corpo mobiliza o conjunto de vozes que tecem o emaranhado artístico desta instalação performática, realizada na exposição “De corpo Presente”, que aconteceu na Galeria do Sesiminas, entre os meses de junho e novembro de 2017, em Belo Horizonte/MG.

Nas experimentações propostas, a voz, cujo corpo fora apagado, volta a materializar-se e se faz visível, presente, tangível e concreta. Na urgência de um contexto histórico caótico, deseja-se atentar para um redimensionamento dos afetos, adentrando na dimensão do humor e da festa, mas também do confronto e da resistência. Atravessando a confissão, a delação, o sarcasmo e o protesto, a intervenção arrasta um território sobre o outro, ecoando vozes que gritam, gemem, cantam, discursam, riem, sussurram e calam.

\* Christina Fornaciari é Doutora em Artes Cênicas pela UFBA, Mestre em Performance pela Queen Mary University of London e Mestre em Teorias e Práticas Teatrais pela USP. Atualmente é Coordenadora do Curso de Dança da UFV, em Minas Gerais, onde leciona disciplinas de Performance, Filosofia e Artes, Atuação Teatral, Vídeo-dança, Dança contemporânea, entre outras.

Vozes ganham corpo a partir de lugares marcados por suas especificidades - tais como gênero, subalternidade, inserção ou marginalidade social, relações de poder, memória. Nas obras-experimentações propostas na intervenção, essas falas incorporadas podem ser divididas em três nichos:

**corpo e violência**  
**corpo e religião**  
**corpo e memória**

Em **corpo e violência**, as obras “Manaus: eles estão bem mortos” e “Ardeu 33 Vezes” buscam na arte um lugar onde seja possível ultrapassar o desespero da agressão, retratando por meio da ludicidade, do jogo e da aventura esse corpo cujo sofrimento é intolerável.

“Manaus: eles estão bem mortos” aborda os massacres em presídios no Brasil, mais especificamente, o assassinato de 56 presos em uma penitenciária na zona rural de Manaus, no dia 1º de janeiro de 2017. Muitos dos presos morreram esquartejados. Fotografias e vídeos veiculados pela mídia mostraram corpos separados das cabeças, lançados para fora do presídio e depois organizados em fileiras, hermeticamente embalados em sacos plásticos pretos.

Não sem uma carga de ironia, a obra propõe um encontro com a dureza da realidade de tais corpos, mas também a sua ressignificação. Para tal, a artista espalhou no espaço expositivo 10 réplicas da chamada “embalagem para óbito”. A imagem dos sacos pretos vazios evoca o corpo cuja vida foi retirada, e, ao mesmo tempo, remete a um lugar seguro, um abrigo quente e fechado, onde não mais se sofre. Num movimento de realçar as condições desumanas da vida no presídio, o saco (morte) produz ruptura para o alívio – no limite, estar aqui, morto, é quase uma jogada de sorte. A ação se desenrola com a iniciativa da performer, que permanece por algum tempo dentro do saco, como num convite ao público que, se desejar, pode também experimentar seu interior. A ação foi também realizada na parte externa

da Galeria, na calçada, entre a rua e o espaço privado do Sesiminas.



Imagens da performance “Manaus: eles estão bem mortos”, na rua e dentro da galeria

A segunda proposta, “Ardeu 33 vezes”, foi concebida meses após o crime de estupro coletivo ocorrido na Zona Oeste do Rio de Janeiro em maio de 2016, em que uma jovem de 16 anos foi violentada por 33 homens. Não satisfeitos com a crueldade do ato, os estupradores filmaram a jovem nua, ensanguentada, dilacerada e desacordada, para então publicizar a filmagem na internet.

Na performance, a artista realiza a ação de comer 33 pimentas. Se no início da ação a performer se limita a contar em voz alta

as pimentas ingeridas, ao longo do ato as pimentas provocam movimentos involuntários em seu corpo, ela sofre para realizar a ação. Entrelaçados a frases entrecortadas e pequenos trechos retirados dos noticiários sobre o caso, essa combinação de fluxos constroem pontes que conduzem os espectadores a entender o que ali se passa.

Como num jogo, os espectadores entendem a regra: para cada pimenta, um estuprador. Logo, a performer deve ingerir 33 pimentas. Esse entendimento permite encontros imprevisíveis, onde diversos integrantes da plateia decidem tomar o lugar da artista, poupando-a de arder todas as 33 vezes.



Imagens da performance “Ardeu 33 vezes” na rua



A performance foi realizada duas vezes ao longo da exposição, uma delas no espaço fechado da galeria do Sesiminas, e, uma outra, na Praça Floriano Peixoto. Vale destacar que público da rua participou ativamente do jogo, comendo cerca de 10 das 33 pimentas previstas. A ingestão provoca o ardor, transforma os corpos e produz a metamorfose, um vir a ser; identificação imediata na fissura da obra. Poderíamos evocar uma passagem do livro Mil Platôs, em que Deleuze e Guattari afirmam:

Mas a arte nunca é um fim, é apenas um instrumento para traçar linhas de vida, isto é, todos esses devires reais, que não se produzem simplesmente na arte, todas essas fugas ativas, que não consistem em fugir na arte, em se refugiar na arte, essas desterritorializações positivas, que não irão se reterritorializar na arte, mas que irão, sobretudo, arrastá-la consigo para as regiões do a-significante, do a-subjetivo e do sem-rosto”. (DELEUZE e GUATTARI, 1999)



Imagem de uma participante da performance “In God we trust”

O segundo eixo da intervenção, **corpo e religião**, é abordado pela performance “In God we trust”, na qual a artista oferece ao público a possibilidade de brincar com elementos sagrados: hóstias. Munidos de tinta comestível e uma série de carimbos, feitos a partir do relevo de moedas, a instalação convoca



o participante a “profanar” o dispositivo da hóstia (tornando-a, metaforicamente, dinheiro em forma de moedas), no sentido apontado pelo filósofo Giorgio Agamben em seu texto Profanações:

“Sagradas eram as coisas que pertenciam aos deuses. Como tais, elas eram subtraídas ao livre uso dos homens. E se consagrar (sacrare) era o termo que designava a saída das coisas da esfera do direito humano, profanar, por sua vez, significava restituí-las ao livre uso dos homens.” (AGAMBEN, 2007)

A transubstanciação material e simbólica impressa sobre as hóstias as transpõem do campo do sagrado para o campo comum e, deste, para o campo estético. Abrem-se as regras que até então governavam o uso do dispositivo. Do Corpo de Cristo ao símbolo capitalista, passando pela imagem da pílula deitada sobre a língua jovem, até o lúdico móbil de embalar sonolências - as hóstias carimbadas foram expostas na Galeria dependuradas em um móbil. Assim, a artista rouba elementos e os reagencia, desfazendo procedimentos usuais e inaugurando novas rotas.



Imagens da performance “In God we trust”



Imagens da performance “In God we trust”

Em **corpo e memória**, terceiro eixo da intervenção, Christina convidou a artista gaúcha Rebeca Lima para apresentar a performance “Ações do fim - ação número um”, de sua autoria. Trata-se da primeira de uma série de notas performáticas sobre aquilo que se encerra. Numa abordagem ao mesmo tempo autobiográfica e social, a performer registra o que resta de um final: o corpo e a marca no corpo. A cada vez que Rebeca cruza olhares com um espectador, ela carimba uma boca em seu corpo, demarcando o fim da troca entre ela e o público.

As bocas carimbadas sobre Rebeca nos olham, nos falam. Elas narram uma memória cujo corpo nos avizinha, em nossas próprias

problemáticas de finais nem sempre discretos, nem sempre coloridos, nem sempre perpétuos. A cada carimbada, vão se construindo paisagens inéditas, saltos, curvas, retrocessos, idas e vindas. E o que fica após o fim? É isso que a obra pergunta, e é também o que nos oferece.



Imagens da performance “Ações do Fim”

Nas palavras de Lanussi Pasquali:

“Cada vez que experimentamos uma obra que nos afeta, sentimos crescer uma força errática, dançante, que nos maravilha, plena de alegria e de resistência: a arte é sim uma atividade diferenciada do resto da cultura, que ultrapassa o senso comum. Uma vitória sobre a morte”.

(PASQUALI, 2013)

Além das performances, a intervenção contou também com exposição de 18 foto performances e 16 vídeo-performances, que rodavam em looping durante todo o período da exposição.



Visão geral da galeria, com fotografias e com instalação da performance “In God we trust”

Enquanto ação formativa, a intervenção performativa também ofereceu, dentro da galeria, um workshop de compartilhamento da participação da artista no programa de residência artística no *LADA - Live Arts Development Agency*, em Londres, realizada em julho 2017. O workshop recebeu estudantes de arte, artistas e público em geral.

## BIBLIOGRAFIA

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol.3**. São Paulo: Editora 34, 1999.

PASQUALI, Lanussi. **Arte como jogo**. Salvador: Blade, 2013.